

FREI ALEIXO, UM DOS SETE

(Legenda de origine Ordinis, 24)

Carta do Prior Geral

da Ordem dos Servos de Santa Maria

frei Ángel M. Ruiz Garnica

à Família Servita

no 700º aniversário da morte

de Santo Aleixo de Florença († 1310)

OS SANTOS E A CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO

*Contemplai todos os dias a face dos santos
para encontrardes conforto nas suas palavras¹.*

1. Caríssimos irmãos e irmãs, com essas palavras nos exortam as primeiras gerações de cristãos, logo depois da morte dos Apóstolos, segundo a *Didaché*, considerado um dos textos mais antigos entre os não-canônicos.

Nesse contexto, considero uma ocasião providencial o sétimo centenário da morte do último dos nossos Sete Santos Fundadores, Santo Aleixo de Florença († 1310), que celebraremos em 2010. Por isso, tomei a decisão de oferecer a toda a Ordem e à Família dos Servos e Servas de Maria uma reflexão que ajude a valorizar esse evento significativo da nossa história.

2. A presença dos santos ao longo da história da Igreja sempre me questionou sobre a experiência que esses homens e mulheres fizeram da pessoa do Senhor Jesus Cristo.

No fundo, desde a Ascensão de Jesus ao céu, vindo a faltar sua presença física na maneira como vivemos as relações entre nós, e tendo desaparecido a geração daqueles que conviveram com ele (os Apóstolos em primeiro lugar, mas não só), o problema do cristianismo apresentava-se de forma dramática, e assim se apresentará em todos os tempos: como fazer a mesma experiência nós que não tivemos a sorte de ter vivido no tempo em que o Filho do Homem pisava o pó da nossa terra? Será que somos destinados a viver a vida em certo sentido “rangendo os dentes” porque, no fundo, não tivemos a sorte de viver no período áureo das origens, mas chegamos muito tempo depois? Será apenas fruto do esforço da imaginação aquilo que é vivido pelos santos?

3. A questão radical que permeia toda a experiência da Igreja é a mesma que nos questiona a nós, Servos e Servas de Maria do terceiro milênio, que não tivemos a ventura de viver “lado a lado” com os Sete Primeiros Pais, com Santo Aleixo e seus companheiros. Será que nós também, tendo nascido depois, somos obrigados a imaginar apenas como viveram nossos primeiros Pais e resignar-nos a não poder viver o que eles viveram? Ou existe a possibilidade de viver a experiência deles, perpetuada em nosso tempo?

4. A meu ver, principalmente na cultura ocidental, há alguns séculos nos deparamos com dois “mitos” que se contrapõem, mas estão consolidados também em nossa mentalidade.

Por um lado, professamos nossa fé num processo irrefreável de progresso – principalmente no campo científico e tecnológico - em força do qual a vida nos levaria naturalmente a um progresso sempre maior; mas, por outro lado, do ponto de vista da experiência humana e mais ainda da experiência religiosa, vivemos resignados ao fato que, à medida que nos afastamos das origens de um evento, toda a carga daquela experiência vital se esvai naturalmente e inevitavelmente e só nos resta contentar-nos com o que a sorte nos reserva.

5. A experiência pascal dos Apóstolos e das primeiras gerações de cristãos, pelo contrário, recoloca em jogo a liberdade de Deus e do homem, verdadeiros protagonistas da história: para Cristo ressuscitado, tempo e espaço não são limites, mas meros instrumentos de expressão. Dessa forma, os que aderiam ao cristianismo poucas décadas depois da morte e ressurreição do Senhor, ou nos primeiros e atribulados séculos da nossa era, tinham consciência de que poderiam estabelecer um encontro real com Cristo ressuscitado, que tinha exatamente o mesmo alcance do encontro mantido pelos primeiros amigos de Jesus. Cristo é verdadeiramente nosso contemporâneo: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

6. Da mesma forma, a meu ver, podemos aceder aos textos das nossas origens, principalmente à *Legenda de origine Ordinis* (LO), conscientes de podermos viver e reviver a experiência humana e religiosa de Santo Aleixo e dos seus companheiros, descrita nesse precioso texto.

Quero, pois, reler convosco, embora sumariamente, a experiência humana e religiosa dos Sete e, em particular, de Santo Aleixo, para depois, num segundo momento, tentar descobrir em nosso tempo os mesmos traços do carisma que o Espírito doou aos nossos Fundadores.

A EXPERIÊNCIA DOS SETE PRIMEIROS PAIS

7. Não tenho a pretensão de descrever exhaustivamente as características mais significativas da vida dos Sete, mas quero apontar três elementos que me parecem significativos também para a nossa vida.

A primeira característica que salta aos olhos é que se trata - como dizia Paulo VI - de **“uma pequena comunidade de almas irmãs” em constante busca.**

Também na celebração do 7º centenário a morte de Santo Aleixo, somos obrigados a partir não do indivíduo - embora Aleixo seja um santo frade e seu testemunho pessoal seja de grande estímulo e exemplo para todos nós - mas do fato que estamos diante de um grupo de homens que, embora pudessem considerar-se plenamente realizados pela destacada posição social e econômica que haviam alcançado, continuam em busca do sentido da vida.

Essa busca nunca se esgota. É como a sede que não se sacia embora se tenha chegado, de alguma maneira, à fonte, porque a característica dessa sede não depende de nós, mas da Fonte mesma. E nós, homens e mulheres do terceiro milênio, devemos constantemente pedir a Deus, a Senhora nossa e aos Sete Primeiros Pais, a sede inesgotável de Cristo.

8. Parece-me, ademais, que se trata de homens que vêem a realidade com os olhos de criança.

Se, em nossa imaginação, nos ocorresse de abrir pela primeira vez os olhos à realidade com a consciência da nossa idade atual, ficaríamos, sem dúvida, estupefatos diante das coisas existentes, que não foram feitas por nós: veríamos uma realidade que é “dom” e, como tal, supõe um “Doador”.

É nisso que se fundamenta a simplicidade com que os Sete reconhecem a mão de Deus e de Nossa Senhora nos acontecimentos concretos de sua vida: a data do início; o nascer e o consolidar-se de sua «amizade de caridade»² que não foi obra deles, mas da Virgem Maria; o nome que receberam; a regra e o hábito que adotaram quando a experiência foi aos poucos amadurecendo. E é isso que nós devemos recuperar.

Não se trata de ser ingênuos ou simplórios, mas de permanecer na posição original com a qual fomos introduzidos na realidade: «Em verdade, eu vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Por isso, quem se fizer pequeno como esta criança, será o maior do reino dos céus» (Mt 18,3-4).

9. Por último, parece-me interessante sublinhar a capacidade e o desejo de assumir e cumprir juntos as decisões tomadas.

Apraz-me, por um lado, lembrar a decisão tomada de viver um tempo de vida retirada, saindo da cidade em obediência à vontade de Deus (LO, 40 e 41); e, por outro lado, a decisão aparentemente contraditória, mas marcada pela fé - depois de ter admitido outros companheiros (LO, 48) - de deixar o monte para ir ao encontro dos irmãos. Assim o atesta a *Legenda de origine Ordinis*: «E querendo em tudo fazer a vontade de Deus, admitiram na comunidade muitos confrades e companheiros, bem aceitos por eles e pelo Senhor. Em consequência disso, por inspiração divina, adquiriram vários outros conventos, que se adaptavam ao seu estilo de vida penitente» (LO, 49).

A obediência à vontade de Deus, descoberta juntos, é uma característica da vida religiosa e dos Servos de Maria que, no meu entender, se deve sempre buscar.

SANTO ALEIXO DE FLORENÇA

10. Considerando agora em particular a vida de frei Aleixo de Florença, é inquestionável o fato que o autor da *Legenda de origine* no-lo apresenta como testemunha dos fatos e da vida das origens.

Com evidente simpatia e admiração e reconhecendo-lhe a autoridade, a *Legenda de origine* refere-se à pessoa e à vida de frei Aleixo pondo em destaque os elementos que foram determinantes para a Ordem dos Servos de Maria nas suas primeiras décadas de existência.

Escrevendo para os frades do seu tempo, o autor - mui provavelmente frei Pedro Sapiti de Todi, Prior Geral de 1314 a 1344 - quer manter viva a intuição e o entusiasmo originais, depois da aprovação definitiva de Bento XI e da consolidação da vida da Ordem, então em franca expansão. Por isso, relata os acontecimentos vividos pelas primeiras gerações de frades e lembra a providencial intervenção da Virgem Maria na fundação e no desenvolvimento inicial da Família dos seus Servos.

Por isso, frei Aleixo é apresentado como testemunha fidedigno da **fundação por obra de Maria** da nova comunidade de frades de Monte Senário. Com efeito, o santo frade assim se expressa: «Jamais foi intenção minha e de meus companheiros fundar uma nova Ordem; nem sequer imaginávamos que da nossa união viesse a florescer tão grande número de frades. Eu e meus companheiros acreditávamos ter sido reunidos por

inspiração divina unicamente para que, abandonando o mundo material, pudéssemos mais fácil e dignamente cumprir a vontade do Senhor. Tudo isso deve-se atribuir exclusivamente a Nossa Senhora. É dela, portanto, que nossa Ordem deve tomar o nome, chamando-se Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria» (LO 24).

Também quanto à **data da fundação** (LO, 12) e ao **nome da Ordem** (LO, 33), frei Aleixo é testemunha da ação direta da Virgem. Assim diz ele: «Nunca ouvi falar e jamais eu e meus companheiros tomamos conhecimento de alguém que, por primeiro, nos tenha dado este nome, Por isso, só pode ter sido obra de Nossa Senhora. Como me recordo, assim também acreditavam e confirmavam os meus companheiros e irmãos» (LO, 33).

11. Entretanto, não é só este o objetivo da *Legenda de origine Ordinis*. Com efeito, frei Aleixo é também apresentado por frei Pedro de Todi como **testemunha da vida que levavam os Primeiros Pais da Ordem**. Com isso, ele queria, sem dúvida, lembrar aos confrades do seu tempo - mas evidentemente isso vale também para nós hoje - a maneira simples, obediente e quase frugal da vida da testemunha que apresenta para toda a Ordem.

Irmãos meus, quero, junto convosco, enfatizar alguns elementos e refletir sobre eles, na esperança que possam ser úteis para todas as expressões da Família Servita, cada uma segundo o seu estilo de vida próprio.

12. Em primeiro lugar, frei Aleixo era **leigo**, assim como seus primeiros companheiros. Em força do Batismo (e da profissão religiosa, que fortalece mas nada acrescenta ao caráter batismal), vivia sua vida da maneira como a descreve, com traços breves mas bem definidos, a *Legenda de origine Ordinis*, e como se pode constatar também nos documentos de arquivo em nosso poder.

A redescoberta da força “explosiva” do Batismo é um processo que envolve toda a Igreja, guiada nestes últimos anos pelo papa Bento XVI³ e tem a ver com a experiência da contemporaneidade de Cristo à qual acenei acima.

Por um lado, mesmo aqueles que, dentre nós, receberam o dom da ordenação presbiteral, devem conscientizar-se da força absoluta do Batismo, que faz de cada um de nós uma “nova criatura”; e por outro lado, é desejável que voltem a florescer em nossos conventos as vocações leigas, para podermos apresentar na sua totalidade a beleza do nosso carisma.

13. Frei Aleixo nos é apresentado também como aquele que **não busca o privilégio que lhe é “devido”** (por ser idoso, por sua autoridade ou prestígio), alegando algo “que o diferencia” e que, às vezes, não passa de uma afirmação estéril de si mesmo.

Isso está perfeitamente em linha com algumas passagens da *Regra de Santo Agostinho*, onde se lê: «Aqueles que nada tinham, não busquem na vida religiosa aquilo que nem fora podiam ter. Entretanto, não se lhes negue aquilo de que precisam, ainda que a pobreza de antes nem o necessário lhes pudesse garantir. Somente não se considerem privilegiados por terem encontrado na comunidade a comida e a roupa que fora não podiam ter» (art. 6). E ainda: «Pode acontecer que os de constituição mais delicada, devido à sua vida precedente, sejam tratados com alguma consideração na parte da comida. Nesse caso, os outros, mais robustos, devido a um outro hábito, não se importem com isso e nem julguem isso uma injustiça. Nem tampouco considerem aqueles mais felizes pelo fato de receberem comida diferente; antes se alegrem consigo mesmos por gozarem de saúde melhor» (art. 16). E conclui peremptoriamente: «É melhor precisar menos do que possuir mais» (art. 18).

Tal simplicidade e sobriedade de vida é, sem dúvida, um valor que vai contra a corrente da mentalidade hodierna, da qual nós também estamos embevecidos. Tal valor - a meu

ver - deve ser decididamente recuperado em vista da autenticidade da nossa vocação e do nosso testemunho pessoal e comunitário.

14. Apraz-me também destacar, na vida de frei Aleixo de Florença, o amor ao trabalho, inclusive manual.

A *Legenda de origine* indica-o explicitamente: «Não fugia aos trabalhos manuais, o que seria normal na sua idade, mas a eles se dedicava muito além de suas forças. Mesmo suscitando o desagrado dos confrades, buscava-os com ardor e neles punha todo seu esforço » (LO, 27).

É sobremodo comovente examinar o *Livro de entradas e saídas de Santa Maria de Cafaggio* dos anos 1286-1289 e constatar o registro das quantias entregues semanalmente por frei Aleixo ao depositário da casa, resultado do seu trabalho de esmoleiro que cumpria todos os sábados.

Também o trabalho manual que, ao lado da comunhão de bens e do teor de vida modesto, é apontado como elemento constitutivo do testemunho de pobreza evangélica (*Costituições OSM*, cap. VII), é um valor que, na celebração do aniversário da morte de Santo Aleixo, podemos e devemos recuperar.

De fato, penso que se não estamos dispostos a compreender tudo o que a nossa vocação comporta - inclusive as conseqüências mais concretas - e se não estamos convencidos disso, os sacrifícios que ela nos impõe podem parecer contraditórios, quando, na verdade, são meras indicações de uma trilha a percorrer e condições de um caminho a seguir. Essa é uma grande lição da vida de frei Aleixo.

15. Destaco ainda a carinhosa atenção por ele dispensada aos frades mais jovens, em particular aos primeiros estudantes da Ordem na grande Universidade de Paris, mediante o empréstimo de dinheiro ao Prior Geral para a manutenção deles.

Vivemos um momento difícil e, ao mesmo tempo bonito e promissor para a Ordem e a Família dos Servos e Servas de Maria: diante da diminuição de vocações em algumas regiões da Ordem, somos felizmente surpreendidos com seu crescimento em outras regiões, de recente e já consolidada evangelização.

E nós somos responsáveis pela evolução futura desta bênção de Deus. É evidente para todos que o coração de Santo Aleixo, que vê as necessidades dos jovens em formação e, segundo suas possibilidades, lhes provê o necessário, deve suscitar novos exemplos (e quantos já existem!), para que o nosso carisma possa continuar sendo útil à Igreja e ao mundo.

16. Último elemento, mas não menos importante, é a morte de frei Aleixo.

Certamente, os últimos anos não devem ter sido fáceis para o nosso santo frade: idade avançada, achaques de todo tipo e aquela sutil sensação de achar inútil a própria existência, que muitas vezes oprime e define uma vida longa no seu ocaso, devem ter marcado também os últimos anos de frei Aleixo. Penso que essa pode ser, e em alguns casos, é a experiência de alguns de nós, já chegados a uma veneranda idade.

Mas devemos pedir a Deus que essa sensação não condicione a nossa vida. Todo momento de nossa vida tem uma utilidade misteriosa, que só Deus e os anjos conhecem. Prova disso é o relato da morte de frei Aleixo, a qual - como acontece com todos - reflete toda a sua aventura humana.

Ele morre rodeado pelos confrades (como é nossa tradição), e o último momento de sua vida é descrito e determinado pela presença de Cristo, que marcou sua vida inteira: «Chegando, pois ao fim da vida, para provar como ele e seus companheiros eram perfeitos e santos, antes de passar para a outra vida, frei Aleixo teve uma visão. Cristo, na figura de um lindo menino, com uma coroa de ouro na cabeça, vinha ao seu encontro,

rodeado de anjos em forma de passarinhos de indescritível candura e beleza. E, gritando em alta voz, frei Aleixo apontava aos confrades o que estava vendo» (LO, 28). A união com Cristo, reconhecido também na pessoa dos irmãos, é o segredo para que a vida seja sempre vista como útil, significativa e boa.

A ORDEM HOJE: CAMINHO PARA A SANTIDADE

17. Há um elemento que me parece decisivo e que desejo enfatizar.

Os textos que descrevem a experiência das nossas origens, bem como outros que formam nossas *Fontes Histórico-Espirituais* que estamos agora redescobrimos, são lindos e estimulantes, mas podem ficar à mercê da nossa interpretação.

Se não existisse esta **diversidade de vida hoje**, presente em nossas comunidades, entre nós, acabaríamos logo no niilismo das interpretações, fechados em nós mesmos, sem uma diversidade com que nos confrontar.

Se não existissem hoje em nosso meio exemplos de frades para os quais a relação com Cristo é decisiva em todos os detalhes da vida, o carisma estaria morto e sepultado; se não se repetisse o fenômeno inicial e original, não haveria progresso, porque nenhum progresso pode haver se não se repetir o impacto inicial, isto é, se o Evento-Cristo não fosse atual.

Por isso, penso que devemos conseguir testemunhar entre nós (por exemplo, como fizemos no último Capítulo Geral com os pronunciamentos sobre a pobreza evangélica) aquilo que está acontecendo de novo, isto é, as experiências e as pessoas que evocam de maneira mais evidente o ideal original. Não devemos ter medo de dar nomes e sobrenomes para poder contemplar hoje também o espetáculo da santidade em ato, embora esse tesouro se encontre em “vasos de barro” (1Cor 4, 7). Creio que, mesmo em nossos encontros fraternos nos vários níveis, devemos valorizar sempre mais as experiências existentes em nosso meio, que testemunham a vitalidade e a atualidade do carisma que fascinou a vida de frei Aleixo e dos seus companheiros.

Fazendo minhas as palavras do papa Leão Magno numa homilia sobre a Epifania, repito para todos nós: «O serviço prestado por esta estrela nos convida a imitar sua obediência, isto é, servir com todas as forças essa graça que nos chama todos para Cristo. Animados por esse desejo, amados filhos, deveis ajudar-vos em ser úteis uns aos outros»⁴. E assim escrevia outro grande papa, Gregório Magno: «Para que o clamor não seja sufocado em nós, é preciso que, na medida de suas possibilidades, cada um manifeste aos outros o mistério de sua vida nova»⁵.

18. À luz dessa breve releitura da vida humana e religiosa de frei Aleixo de Florença, julgo, pois, importante e, num certo sentido, urgente **recuperar o estilo de vida sóbrio**, embora não exagerado, descrito na via dos Sete e, em particular, de frei Aleixo.

Acho que devemos reapropriar-nos do conceito sadio do “meio termo” reiteradas vezes evocado pela *Legenda de origine* (nº 19, referindo-se às ações em geral; nº 27, referindo-se às roupas; nº 30, referindo-se os pensamentos, palavras, sentimentos e ações).

Trata-se de seguir o caminho traçado nos últimos Capítulos Gerais que indicaram algumas prioridades e, no presente sexênio, tem a pobreza evangélica como objetivo a ser perseguido em vista da veracidade da nossa vocação e do nosso testemunho.

19. É evidente, porém, que não basta a reflexão pessoal para compreender corretamente o que se entende hoje por “meio termo”, mas é preciso adotar um método de **discernimento comunitário** (praticado com segurança no Capítulo e na *Lectio divina*), que tenha na devida conta todos os aspectos em jogo (a realidade local, a situação da

comunidade, as necessidades da Ordem e da Igreja local...), e nos ajude a reviver a dimensão comunitária constitutiva da fraternidade dos nossos Sete Primeiros Pais.

20. Caríssimos irmãos e irmãs, é sem dúvida desejável um estilo de vida como o de frei Aleixo, descrito na *Legenda de origine Ordinis*.

Espero e rezo a Deus e a Nossa Senhora para que a celebração desta providencial efeméride dos setecentos anos da morte do nosso santo frei Aleixo seja uma ocasião propícia para cada um de nós que vivemos, na condição de frades, monjas, irmãs ou leigos, a espiritualidade e o carisma dos Servos de Maria, para que também o nosso testemunho seja concreto e significativo para nós mesmos, em primeiro lugar, e para todos seres humanos nossos irmãos.

Do nosso convento de Nairóbi, Quênia, 22 de setembro de 2009
Memória da Dedicção da Basílica de Monte Senário

frei Ángel M. Ruiz Garnica
prior geral

Prot. 620/2009

ALEIXO, JUNTO COM FILIPE, TESTEMUNHA DAS ORIGENS

14. Não será um relato exaustivo, mas incluirá pelo menos tudo o que me lembro de ter ouvido, em vários momentos, durante os mais de vinte e dois anos em que, por divina misericórdia, estou na Ordem. São informações obtidas de muitos frades idosos, alguns dos quais já mortos e outros - pouquíssimos, na verdade - ainda vivos, e em modo particular do mencionado frei Aleixo, que foi um dos primeiros da nossa Ordem.

26. Havia, pois, sete homens de tão grande perfeição - como já dissemos - que Nossa Senhora houve por bem iniciar, por meio deles, a sua Ordem. Nenhum outro encontrei vivo quando ingressei na Ordem, a não ser um que se chamava frei Aleixo, cujo nome já mencionei anteriormente. Aproveu a Nossa Senhora mantê-lo vivo até nossos dias, para que ouvíssemos de sua boca a história da origem da nossa Ordem, e pudéssemos registrar a memória dos fatos para os frades que haveriam de suceder-se até o juízo final. Desejando, pois, que, morto frei Aleixo, não se perdessem irremediavelmente as memórias e as notícias referentes à origem da Ordem, e para evitar que nós, vivendo no seu tempo, pudéssemos ser acusados de ingratidão se não o fizéssemos, eu o interroguei muitas vezes sobre a origem da nossa Ordem.

Um dia, tendo ido de propósito visitá-lo em sua cela, com o intuito de ouvir dele quando acima relatei, eu o interroguei acurada e ansiosamente, em forma ordenada e distinta, da melhor maneira que me foi possível, acerca de tudo o que substancialmente se referia à origem da Ordem. Depois, escrevi ordenadamente num papel, do meu próprio punho, o que havia conseguido colher de suas respostas. Esse escrito, eu o li e reli muitas vezes com atenção, analisando e meditando seu conteúdo, para conservá-lo na memória. Um dia, por inveja do diabo, estando eu por acaso sentado junto ao poço do convento de Sena, e estando a lê-lo com muita reverência, pois sempre o trazia comigo, improvisamente me fugiu das mãos e, revoando pelo ar, acabou caindo no poço, para minha grande tristeza.

Em que pese a perda desse escrito e a distância dos anos que me levaram a esquecer muitas coisas nele contidas, o que é essencial sobre a origem da Ordem - como ouvi de frei Aleixo - sempre o guardei na memória, e agora, por vontade de Nossa Senhora que a isso particularmente me impele, transcrevo-o com absoluta fidelidade, legando-o à história como um valioso tesouro, desejado pelos frades que hão de vir.

O ANO DA FUNDAÇÃO DA ORDEM

11. No ano, pois, de 1233 do nascimento de Nosso Senhor, no tempo do papa Gregório IX, na província toscana e na cidade de Florença, nasceu o bem-aventurado Filipe. No mesmo ano do seu nascimento, na mesma província e cidade, quis Nossa Senhora que tivesse início a sua Ordem, a si particularmente consagrada e que deveria trazer seu nome.

12. Que a Ordem de Nossa Senhora tenha iniciado nesse ano, eu o soube assim. Frei Aleixo, um dos sete frades que iniciaram a Ordem, com quem conversei muitas vezes antes de sua morte, contou-me muitas coisas a respeito da origem da nossa Ordem.

A FUNDAÇÃO DA ORDEM E SEU NOME

24. Se a fundação da Ordem se devesse atribuir a algum outro que não fosse Nossa Senhora, certamente deveria ser creditada aos Sete, quer pela santidade deles, quer por terem sido os primeiros da Ordem. No entanto, como eu mesmo ouvi de frei Aleixo, um dos Sete primeiros Pais, que costumava dizê-lo freqüentemente aos frades, a fundação da Ordem não se pode atribuir, de maneira alguma, nem aos primeiros Sete frades como grupo, nem a algum deles individualmente.

Estas são as palavras que ele me disse e que costumava repetir com freqüência aos outros frades: *Jamais - dizia ele - foi minha intenção e de meus companheiros fundar uma nova Ordem; nem sequer imaginávamos que da nossa união -minha e dos meus companheiros- devesse germinar tão grande número de frades. Eu e meus companheiros acreditávamos ter sido reunidos por inspiração divina, unicamente para que, abandonando o mundo material, pudéssemos mais fácil e dignamente cumprir a vontade do Senhor. Tudo isso deve-se atribuir exclusivamente a Nossa Senhora. É dela, portanto, que nossa Ordem deve tomar o nome, chamando-se "Ordem da bem-aventurada Virgem Maria".*

33. Que esse nome não tenha sido dado ou escolhido por uma pessoa qualquer, mas por Nossa Senhora mesma, deduz-se também do que se dirá a seguir. Tendo eu interrogado frei Aleixo, entre outras coisas, também acerca do nome da Ordem, donde se originara, ele assim me respondeu: *Nunca ouvi falar - dizia ele - e jamais eu e meus companheiros tomamos conhecimento de alguma pessoa que, por primeiro, nos tenha dado esse nome. Por isso, isso só pode ter sido obra de Nossa Senhora. Como me recordo, assim também acreditavam e confirmavam os outros meus companheiros e irmãos.*

Se o nome lhes tivesse sido dado por alguma pessoa, ninguém poderia pensar que não o soubesse frei Aleixo, um dos primeiros Sete que, reunindo-se em comunidade, iniciaram a Ordem. Devem, pois, nossos frades crer com firmeza e afirmar com segurança, por palavras e obras, para não serem acusados de ingratidão diante de tão grande dádiva, que o nome foi originariamente escolhido por Nossa Senhora, a Virgem Maria, e por ela benignamente dado aos frades de sua Ordem.

A VIDA EXEMPLAR DE FREI ALEIXO

27. Tal era a vida de frei Aleixo, como eu mesmo pude constatar e ver com meus próprios olhos, que arrastava os outros com seu exemplo e testemunhava a perfeição e a religiosidade sua e dos seus companheiros.

Já idoso e doente, e tendo suportado por longos anos na Ordem "o peso do dia e do calor", mesmo assim não procurava, como seria natural, comida especial, devido à sua precária saúde, nem roupas que o aquecessem ou cama macia. Pelo contrário, nem fazia conta disso, o que provava toda sua perfeição e religiosidade.

Jamais pedia comida especial. Comia sempre no refeitório comum, satisfeito com o que era servido a toda a comunidade. Nos dias em que estava mais fraco e abatido e não podia ir ao refeitório comum, de maneira alguma aceitava comida diferente, contentando-se com o que era servido a todos. No máximo, recolhia algumas verduras na horta e com elas se alimentava, a fim de aquecer seu corpo alquebrado, sem buscar melhor comida.

Detestava roupas delicadas. No vestir, procurava o meio termo, usando roupas que não fossem nem miseráveis nem luxuosas. Para seu corpo doente e fraco seria natural um leito macio e confortável. Pelo contrário - como lembram os que com ele conviveram - usava tábuas em lugar do colchão e pano grosseiro em lugar dos lençóis.

Não fugia aos trabalhos manuais, o que seria normal na sua idade, mas a eles se dedicava muito além de suas forças. Mesmo suscitando o desagrado dos confrades, buscava-os com ardor e neles punha todo seu esforço.

Em seus atos, palavras e obras, deixava transparecer toda a sua humildade e caridade. Embora tivesse alcançado grande perfeição e fosse tido em muita honra e consideração por todos os confrades (era um dos primeiros Sete, por cujo intermédio Nossa Senhora quisera iniciar a sua Ordem), nem por isso abandonou qualquer expressão do seu viver modesto.

Dentro de suas possibilidades, esforçava-se, como o menor dos frades, para cumprir todos os ofícios comuns, ainda que pesados e humildes. Assim, até que pode, quando chegava a sua vez, embora os outros frades tentassem impedi-lo, saía para esmolar o que a comunidade necessitava para seu sustento, suportando o peso do trabalho como qualquer dos frades mais fortes e mais recentemente chegados.

Como qualquer outro frade, esforçava-se também para realizar todos os trabalhos do convento, embora fossem humildes na apreciação comum. Destarte, mostrava todo o amor que tinha pelos irmãos e a humildade do seu coração, deixando um exemplo a ser imitado por todos os frades que desejam servir fielmente a Nossa Senhora.

28. Tendo chegado a uma idade avançada e vendo com os próprios olhos o crescimento da Ordem, o grande número e a santidade dos frades, ele estava seguro e feliz de receber de sua Senhora, a Virgem Maria, o prêmio do seu fiel serviço.

Chegando, pois, ao fim da vida - como me disse frei Lapo de Florença, sobrinho de frei Sóstenes, que estava presente no momento da morte de frei Aleixo -, para provar como ele e seus companheiros eram perfeitos e santos, antes de passar para a outra vida, frei Aleixo teve uma visão. Cristo, na figura de um lindo menino com uma coroa de ouro na cabeça, vinha ao seu encontro, rodeado de anjos em forma de passarinhos de indescritível candura e beleza. Gritando em alta voz, frei Aleixo apontava aos frades o que estava vendo.

Viveu quase 110 anos e chegou ao ano de 1310 do nascimento do Senhor. Por isso, tomando a data em que ele e seus companheiros se uniram para iniciar a Ordem e relacionando-a com o ano de sua morte, deduz-se que frei Aleixo viveu quase 77 anos na Ordem.

SÚPLICA A SANTO ALEIXO

*Santo Aleixo, Servo de Santa Maria,
nosso irmão maior,
santo da Igreja de Deus,
com a tua oração sustenta
o nosso compromisso de serviço.*

*Frade simples e sóbrio,
eras frugal no comer,
sóbrio no vestir
e fugias à vida fácil e cômoda.
Volta o teu olhar para os jovens
que buscam o que é duradouro e essencial,
e querem seguir o Filho do Homem
que não tem onde pousar a cabeça.
Frade caridoso,
servo entusiasta e alegre,
esquecido de si e solícito em acudir “sem alarde”
às necessidades dos irmãos,
ajuda-nos a ser fiéis ao nosso compromisso
de carregar os pesos uns dos outros,
e de amar-nos com ações e de verdade.
Frade de olhar profético,
testemunha do Reino,
intercede junto ao Altíssimo
pelos irmãos curvados sob o peso dos anos,
para que, seguindo o teu exemplo de venerando frade,
conservem intacto o ideal de serviço
a Deus, a Nossa Senhora e aos irmãos,
certos de receberem o prêmio dos servos fiéis.
Implora por nós, venerando irmão,
tu que vives na “Terra prometida”,
herança do Pai, do Filho e do Espírito,
aos quais sejam dadas honra e glória
pelos séculos eternos.*

Amém!

¹ 1] *Didaché* IV, 2, dans *Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*. Introdução, tradução do original grego e comentário de Urbano Zilles (ed. Vozes limitada, Petropolis 1971, 2ª ed), p. 26: «Todos os dias procurarás a companhia dos santos, para encontrar apoio em suas palavras».

² LO, 29,

³ Cf. por exemplo, a *homilia* de Bento XVI da *Vigília Pascal de 2006*: «Um salto de qualidade da história universal chega até mim envolvendo-me para me atrair. [...] A grande explosão da ressurreição agarrou-nos no Batismo para nos atrair. Deste modo, ficamos associados a uma nova dimensão da vida, na qual nos encontramos já de algum modo inseridos, no meio das tribulações do nosso tempo. [...] Penso que será mais fácil esclarecer o que acontece no Batismo se formos ver a parte final da breve autobiografia espiritual que São Paulo nos ofereceu na sua Carta aos Gálatas. De fato, as suas palavras conclusivas encerram o núcleo desta biografia: *Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim (Gl 2, 20)*. Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem – deste homem, Paulo – foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um “não” e encontra-se continuamente neste “não”: *Eu, mas já “não” eu*. Com

essas palavras, Paulo não descreve qualquer experiência mística que porventura lhe tivesse sido concedida e que poderia interessar-nos, quando muito, sob o ponto de vista histórico. Não, esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu eu próprio é-me tirado e inserido num novo sujeito maior. Tenho de novo o meu eu, mas agora transformado, trabalhado, aberto por meio da inserção no outro, no qual adquire o seu novo espaço de existência. Paulo explica-nos a mesma coisa, uma vez mais e sob outro aspecto, quando, no terceiro capítulo da Carta aos Gálatas, fala da “promessa” dizendo que esta foi feita no singular – a um só: a Cristo. Só Ele traz consigo toda a “promessa”. Mas o que é feito então de nós? Vós vos tornastes um em Cristo – responde Paulo (*Gl* 3, 28). Não um só, mas um, um único, um único sujeito novo. Essa libertação do nosso eu do seu isolamento, esse achar-se num novo sujeito é encontrar-se na imensidão de Deus e ter sido arrebatado para uma vida que saiu, já agora, do contexto do “morre e transforma-se».

⁴ LEÃO MAGNO, *Discurso 3 sobre a Epifania*, PL 54, 240-244, in *Liturgia das Horas, I (Advento-Natal)*, pp. 509.

⁵ GREGÓRIO MAGNO, *Comentários sobre o livro de Jó*, Livro 13; in *Liturgia das Horas, II (Quaresma e Tempo Pascal)*, sexta-feira da terceira semana da Quaresma, p. 230.